

sumário

- 9 ✦ *Introdução*
- 15 ✦ **1º, 2º e 3º dia**
Os generais de Bollywood
- 31 ✦ **4º e 5º dia**
Câmera na mão
- 45 ✦ **6º e 7º dia**
Deuses de carne e osso
- 61 ✦ **8º e 9º dia**
Lágrimas de glicerina
- 75 ✦ **10º e 11º dia**
O som da Índia
- 87 ✦ **12º e 13º dia**
Corta!
- 97 ✦ **14º e 15º dia**
Invasões bárbaras
- 109 ✦ **Os últimos dias**
Futuro à indiana
- 123 ✦ *Epílogo – Antes de os créditos subirem...*
- 127 ✦ *Bibliografia consultada*

Agradecimentos

À minha mulher, Ana Lúcia Tsutsui, por ter apoiado minha empreitada à Índia logo após nosso casamento e por sempre ter compreendido a importância deste projeto.

Aos meus pais, irmã e familiares, pelas palavras encorajadoras, essenciais para um projeto como este.

A Ram Devineni, por ter acreditado no projeto desde nosso primeiro encontro em São Paulo, por ter sido meu guia na Índia e me ajudado a ter acesso aos fantásticos entrevistados.

Ao Grupo Estado e à Editora Abril, pela generosidade no espaço dedicado à reportagem.

A Deus, aqui manifestado na forma de Brahma, Vishnu e Shiva, pela força e determinação recebidas na saída do Brasil rumo à Índia até a publicação deste livro.





Introdução

Jornalistas estão acostumados a receber centenas de *releases* eletrônicos todos os dias. A leitura desse material, obviamente, é tão rápida quanto um clique, sendo jogados na lixeira inúmeros produtos culturais dispensáveis e, às vezes, alguns raros eventos que poderiam gerar boas ideias e virar grandes reportagens.

Foi depois de ler um desses e-mails (que quase foi parar na lixeira) que tive a ideia de desvendar o mundo de Bollywood. O texto, anunciando um festival de cinema indiano, revelava que essa era a maior indústria de cinema do mundo. Curioso, fui pesquisar sobre o assunto e descobri que a afirmação “pode” ser correta. “Pode” porque deve ser interpretada de dois pontos de vista, às vezes distintos. Imaginemos que Bollywood e Hollywood sejam fábricas de cadeiras. A grande diferença entre ambas é que Hollywood vende menos cadeiras, mas por um preço muito mais alto, obtendo grande lucro por unidade. Já Bollywood produz e vende o maior número de cadeiras do mundo. Mas, embora elas sejam usadas por bilhões de pessoas, cada uma separadamente gera poucos lucros ao produtor, com algumas exceções. Portanto, no que se refere à produção em massa, Bollywood é a maior indústria do mundo. Quando falamos em faturamento, porém, o troféu vai para Hollywood.

Saindo das cadeiras e voltando aos filmes, o fato é que Bollywood produz cerca de mil títulos anuais; Hollywood, bem menos da metade disso. Evidentemente, os números variam de ano a ano, mas é possível afirmar que o cinema indiano tem produzido quase o triplo de filmes em comparação com os Estados Unidos.



Quando cito Bollywood, quero dizer a indústria do cinema indiano como um todo. Mas é bom ressaltar que é um erro monumental fazer essa afirmação dentro da Índia. Isso porque – como veremos nos próximos capítulos – Bollywood representa apenas a produção relativa à região de Mumbai (antiga Bombaim). No entanto, por conta da recente internacionalização do cinema indiano, nenhum produtor ou diretor tem coragem de exportar seu filme ignorando o termo Bollywood, já tão associado ao cinema indiano que virou uma referência direta à produção total da Índia. O mesmo pensamento pode ser aplicado a Hollywood, já que nem todos os filmes ditos hollywoodianos são produzidos em Los Angeles ou mesmo nos Estados Unidos. Aliás, é importante lembrar que o termo *Bollywood* tem ligação direta com o próprio cinema de Hollywood, uma vez que surgiu por volta dos anos 1930, quando a prática de adaptar e copiar roteiros dos clássicos de Hollywood se tornou comum no cinema produzido em Bombaim, capital cujo nome ajudou a batizar a indústria cinematográfica local.

Mas voltemos à curiosidade despertada pelo tal *release*. Como todo jornalista, não fiquei satisfeito em descobrir apenas que Bollywood é a maior indústria de cinema do mundo. Comecei a questionar como um país subdesenvolvido conseguia ter esse privilégio, ao passo que nem países desenvolvidos como França, Alemanha e Canadá conseguem manter a indústria do cinema sem parcerias internacionais e, principalmente, sem ajuda do governo. O que me instigava também era o fato de tal produção ainda ser praticamente desconhecida em alguns países do Ocidente e, mesmo assim, manter-se no topo em número de lançamentos. Como isso era possível, já que Hollywood precisava estender seus tentáculos até os confins do planeta para manter seu poderio no cinema?

Por fim, como todo jornalista cultural, tive sede de saber e quis descobrir mais detalhes sobre os aspectos culturais dessa produção. Seria ela tão diferente do cinema ocidental a que estamos habituados? Que aspectos religiosos, sociais, econômicos, culturais e políticos da Índia são retratados nas telas? Faltavam-me livros, faltavam-me filmes. Mas, acima de tudo, faltava uma coisa: conhecer Bollywood de perto.

Algumas semanas depois de ler o *release*, numa dessas felizes oportunidades, conheci Ram Devineni na Academia Internacional de Cinema, em São Paulo. Alto, bonachão e simpático, Ram pouco lembrava a imagem que eu tinha de um indiano, exceto pelo biótipo. Isso porque ele se mudou com a família para Nova York quando era pequeno, nos anos 1970. Apesar de ter sido criado na cultura norte-americana, Ram não esqueceu das raízes indianas e, embora estivesse trabalhando com informática num grande banco, resolveu encarar a missão de tentar internacionalizar Bollywood, começando pelo Brasil.



Era a oportunidade perfeita para aliar interesses em comum. E não demorou muito para começarmos a organizar nossa viagem rumo à Índia. Como Ram carrega o sobrenome de uma importante família produtora de cinema naquele país, as portas começaram a se abrir mais rápido do que imaginávamos e, alguns meses depois, tínhamos em mãos uma agenda de encontros e entrevistas que incluía os mais importantes nomes na área de direção, produção, direção musical e atuação, além de empresários do mundo cinematográfico bollywoodiano.

A expectativa para a viagem era grande, e tudo já estava planejado e organizado em meados de 2007. Mas ela só aconteceria em janeiro do ano seguinte, sendo que, no meio disso, havia um casamento – o meu casamento. Por uns meses, engavetei Bollywood a fim de concretizar esse outro sonho. E, quando ele aconteceu, em setembro, voltei minha atenção para os preparativos daquela que seria a maior reportagem da minha carreira jornalística.

Pouco depois do ano-novo, embarquei para Mumbai carregando muitas perguntas na mala. Mas, ao contrário das roupas, sapatos e livros, elas não pesavam. Pelo contrário, me faziam ir adiante com grande entusiasmo.

No momento em que a porta do avião se abriu em Mumbai, me dei conta de que aquilo seria uma experiência cultural das mais radicais. E o primeiro sentido que fez essa ficha cair foi o olfato. “Meu Deus, como esta terra cheira diferente”, pensei, descendo as escadas do avião e pisando em solo indiano. Na saída do aeroporto, outro sentido despertado: a visão. Mumbai é a maior cidade da Índia e uma das seis cidades mais populosas do mundo. Nada surpreendente para um país com cerca de 1,2 bilhão de habitantes, quase um sexto de toda a população do planeta, mas com uma área territorial que corresponde a 40% do território brasileiro. No entanto, *ver isso é diferente de saber disso*. Era pouco mais de uma hora da madrugada e, ainda assim, uma pequena multidão se aglomerava na frente do aeroporto, esperando por pessoas no desembarque.

E, mesmo de madrugada, as ruas ainda estavam repletas dos famosos riquixás. A palavra denomina uma carroça puxada por uma ou mais pessoas, mas na Índia ela também é usada para descrever os pequenos táxis de três rodas, ágeis e barulhentos. Nas ruas, também se notava outro contraste: as dezenas de vacas, algumas andando no meio das vias – e cuidadosamente evitadas pelos carros, já que são animais sagrados segundo o hinduísmo. Por fim, outro sentido despertado, a audição, com o barulho das buzinas dos riquixás – buzinar faz parte da cultura indiana e, mesmo numa rua vazia, os motoristas buzina sem parar. Não demorou muito para o paladar também sentir o choque cultural, com os temperos fortes que compõem a culinária indiana, predominando sabores de ervas como o coentro, o alecrim e, é claro, o *curry*, molho-mãe de grande parte dos pratos do país.

As experiências sensoriais foram dando espaço, aos poucos, às experiências culturais. Com o auxílio de Ram Devineni, elaborei uma agenda de encontros e entrevistas que preencheriam mais de duas semanas com interessantes descobertas sobre as particularidades culturais de um cinema que eu jamais havia imaginado conhecer.

Eu sentia que não tinha muito tempo disponível para conhecer todos os aspectos do cinema de Bollywood. Não pela falta de dias, mas pela logística complexa que envolvia o ato de circular pela cidade de Mumbai. Se você está lendo estas páginas numa grande capital, como São Paulo, Recife, Belo Horizonte ou Rio de Janeiro, acredite: nenhum congestionamento brasileiro se compara com o trânsito de Mumbai. Grande parte da cidade se encontra numa espécie de ilha (na verdade, são sete no total), rodeada de água do mar e de diversos canais. A ação dos terremotos leva a essa geografia entrecortada, dificultando a circulação na metrópole. Mas isso não é o maior problema. O crescimento desordenado da cidade, em meados do século XX, não garantiu a infraestrutura necessária para suportar tanta gente – cerca de vinte milhões de habitantes – em um espaço tão reduzido. Em ruas estreitas, dividem espaço riquixás, carros, ônibus, táxis comuns, motos, pedestres e, claro, vacas. Por fim, não é costume da cidade usar nomes para ruas e números para estabelecimentos comerciais e casas. Em outras palavras, levávamos cerca de duas horas e meia para chegar às proximidades de um entrevistado e outra hora para localizar



Jabbar Patel, diretor do Pune International Film Festival (Piff) e Frantiesco Ballerini.
Foto: Ram Devineni/Divulgação

com exatidão seu endereço, já que os taxistas paravam a cada cinco minutos para tirar dúvidas ou fazer-nos conversar com outra pessoa que entendia melhor a língua inglesa. Porém, ao término de cada entrevista, eu descobria que todo aquele transtorno havia valido a pena e voltava para o hotel cansado mas satisfeito e pronto para o dia seguinte.

Proponho, neste livro, uma viagem para um universo cinematográfico praticamente desconhecido no Brasil. Por isso, narro as experiências que tive do outro lado do mundo como num diário, no qual a cada dia-capítulo o leitor encaixa mais um pedaço no grande mosaico que é o cinema bollywoodiano. Assim, comecei a jornada procurando encontrar profissionais que me explicassem os segredos de ser um produtor de cinema num país que entrega mil filmes por ano. Tão importante quanto isso era conhecer, logo em seguida, o esquema de trabalho dos diretores e descobrir quem são os grandes cineastas da Índia. Por sorte, consegui participar do Festival Internacional de Cinema de Puna, onde encontrei e conversei com uma lenda viva do cinema indiano, o diretor Shyam Benegal, dono de um forte estilo autoral e contestador.

A Índia venera seus atores como se fossem deuses. Por isso, alguns dos dias mais fascinantes da viagem se deram quando conhecemos o universo desses atores-deuses. Novamente por sorte, tivemos acesso às filmagens de um novo trabalho de Shahrukh Khan, considerado hoje o maior astro do cinema indiano. Esses astros atuam de forma bastante particular, e algumas visitas a escolas de atuação, dança e canto me fizeram entender o que para grande parte dos ocidentais é algo inusitado, às vezes cômico: a atuação de um indiano.

Nos dias seguintes, fui atrás da resposta a outra questão intrigante: por que praticamente todos os filmes indianos têm música e dança do início ao fim? Compositores, músicos, técnicos de som e especialistas da área me ajudaram a desvendar esse mistério. Em seguida, especialistas de Bollywood me receberam em casa para a discussão de outro tema, esse bastante polêmico: a censura. Simpático e atencioso, o escritor Derek Bose foi quem melhor me explicou por que a maior democracia do planeta ainda mantém uma forte censura em relação ao cinema. Entre um gole de *chai* (chá com leite levemente picante) e um prato da culinária indiana preparado por sua simpática esposa, descobri fatos inimagináveis da indústria de cinema da Índia.

Eu já havia passado duas semanas naquelas terras tão distantes e estava encantado com a hospitalidade do povo indiano, sempre disposto a nos ajudar no caos das ruas de Mumbai. Ao mesmo tempo, sentia-me perplexo diante de tanta pobreza nas ruas, fosse em Mumbai, Puna, Nova Déli, em qualquer cidade. Um povo que necessita de tudo e com urgência.

Nos últimos dias, conseguimos encontrar respostas para outras questões intrigantes que circulam em torno do cinema. O *boom* dos canais de televisão



e a pirataria parecem estar prestes a ameaçar a marca dos mil filmes por ano. Outra ameaça, esta capaz de trazer benefícios, é a invasão de distribuidoras estrangeiras, sedentas por um público que representa um sexto da população do planeta e num país crescendo economicamente a passos largos. Por fim, igualmente intrigante é o tratamento que a imprensa local dá ao cinema e a seus astros, com um enfoque muito grande nas fofocas sobre sua vida pessoal, gerando uma cobertura no mínimo interessante de analisar.

No final de janeiro, retornei ao Brasil com o coração cheio de saudade daquele povo e daquela cultura, mas também com muito material jornalístico na bagagem, o que significava trabalho exaustivo para transformar tudo aquilo em reportagens. Durante uma semana, o resultado dessa investigação surgiu em forma de reportagens especiais no *Jornal da Tarde* e em *O Estado de S. Paulo*. Posteriormente, a riqueza do material ainda permitiu a publicação de uma matéria na revista *Bravo!* e diversos convites para entrevistas, debates e palestras.

Mas as páginas de jornais e revistas não foram suficientes para mostrar todas as histórias fantásticas que descobri na Índia, bem como todos os segredos dessa indústria cinematográfica fascinante. Um livro era inevitável, ainda mais levando em consideração que a América Latina pouco conhece Bollywood.

Dessa forma, este livro se propõe não só explorar com profundidade a riqueza do material colhido *in loco*, mas também refletir sobre a indústria cinematográfica como um todo, traçando sempre que possível um paralelo – ou uma transversal – entre Bollywood e sua prima rica, Hollywood. Mais do que isso, colocar uma lente de aumento sobre a máquina bollywoodiana para que se entenda também o cinema praticado na América Latina.

Acredito com total convicção que entrar em contato com a história de Bollywood traz dois efeitos igualmente benéficos para o cinema latino-americano. Conhecer seus pontos fortes – como a forma pela qual os indianos sustentam a produção em grande escala e principalmente com filmes nacionais, não de Hollywood – pode nos trazer ideias inspiradoras que levem à evolução do nosso cinema como indústria e produto cultural. Conhecer seus pontos fracos – como a falta de originalidade dos roteiros e a censura – ajuda-nos a valorizar nossos diretores, ganhadores dos maiores festivais internacionais de cinema, e a liberdade artística conquistada após a ditadura militar iniciada em 1964. Em suma, mergulhar na realidade da maior indústria de cinema do mundo é conhecer o nosso cinema e colaborar para a sua evolução.

Que essa jornada de vinte dias – transformada em oito capítulos – desperte emoções e surpresas tão fortes quanto as que eu vivenciei ao enveredar por esse caminho.

Boa leitura.





1º, 2º e 3º dia

Os generais de Bollywood

Diretores contam a história, atores a encenam. Mas quem transforma o sonho do diretor e a atuação do elenco em realidade é o produtor, aquela figura que causa, em toda a equipe, sentimentos que variam entre a alegria, o êxtase, a raiva e a frustração. Em uma indústria que fabrica tantos filmes quanto a de Bollywood, o produtor me parecia ser, no mínimo, imprescindível para o funcionamento da máquina.

Por isso, nos primeiros dias em Mumbai, quis descobrir quais eram as tarefas e a importância de um produtor de cinema em Bollywood. Será que era dele o mérito da volumosa produção cinematográfica da Índia? Quem são e de onde vêm os produtores, ou seja, qual é a formação deles? Quais são os maiores obstáculos que um produtor de cinema enfrenta na Índia? Essas e muitas outras perguntas precisavam ser respondidas logo de início, para que se pudesse constituir um panorama do cinema produzido em Bollywood.

Tive a sorte de conseguir um espaço na agenda de um dos mais importantes executivos do entretenimento indiano: Amit Khanna, diretor executivo da Reliance Entertainment, braço da Reliance, uma das maiores empresas asiáticas da atualidade e o maior conglomerado de entretenimento da Índia. Seu crescimento tem sido tão grande que a Reliance já controla inclusive uma parte das salas de cinema dos Estados Unidos – alguns meses depois, deparei novamente com Khanna no restaurante de um hotel em Los Angeles, onde o empresário participava de um encontro de negócios com altos executivos de Hollywood.

O fato de Amit Khanna ter aceitado se encontrar comigo era um sinal claro de suas intenções de expandir a empresa também pela América Latina. O encontro aconteceu no Marriott de Mumbai, o hotel mais luxuoso da cidade.



Amit Khanna (no fundo à esquerda), diretor executivo da Reliance Entertainment, maior conglomerado de entretenimento da Índia.

Foto: Franthiesco Ballerini

Ao lado de um executivo da empresa e de um BlackBerry – para o qual ele olhava a cada cinco minutos para checar e-mails, quando não para atender ligações –, Khanna dispensou o economês e me explicou de forma simples como Bollywood nasceu e se sustentou até pouco tempo atrás.

Assim ele me explicou: nos primórdios da indústria, no início do século XX, havia cidadãos sem nenhuma ligação com arte e cultura, muito menos com cinema, que resolviam fazer longas-metragens. Nesse caso, o indivíduo recorria a um empréstimo – na maioria dos casos, no mercado negro – e conseguia determinado valor. Desse valor, usava apenas metade para produzir seu filme, a outra parte servia para pagar os juros do empréstimo e outros encargos. Como naqueles tempos o cinema era a única forma de entretenimento da população indiana, o filme desse cidadão invariavelmente enchia as salas de cinema e, mesmo com ingressos a preços irrisórios, ele conseguia o dinheiro para pagar o empréstimo e ainda lucrava com o filme. Nascia, então, um produtor cinematográfico que emendava um filme em outro – muitas vezes fazia dois ou três ao mesmo tempo –, e sua experiência era passada para as próximas gerações de sua família. Considerando o tamanho da população indiana, não é difícil imaginar centenas de famílias como a desse indivíduo passando a tradição de geração para geração. Espalhados pelo país, esses cidadãos produziam diversos tipos de cinema, que, ao olhar estrangeiro, foram identificados com um só nome: Bollywood.

Mas era o dinheiro sujo que bancava grande parte da produção indiana. Fazendeiros, corretores, políticos falidos, todo tipo de gente que tivesse uma